Mia Couto: *Vinte e Zinco* – ou "O Gozo da História"...

José Paulo Cruz Pereira[1]

Abstract: My reading of *Vinte e Zinco* – a novel by the Mozambican writer Mia Couto – discusses the political and cultural issues, concerning not only Salazar and Marcelo Caetano's dictatorship, but also the Portuguese colonial regime in Mozambique. In so doing it brings to the reader's attention not only the shaping of the characters directly affected by the institutionalized power, but also of those that seem to be closer to the instance of writing. And it is in this sort of profiling outline that I come across with an allegory of power, revealing not only its extreme violence and cruelty, but also all its profound bewilderment and final decadence. The tragic figure of Lourenço de Castro will emerge, then, as the ordering focus of all this fictional construction.
Keywords: Dictatorship; Colonial; Violence; Racism; Delirium.

Resumo: A minha leitura de *Vinte e Zinco* – um romance do escritor moçambicano Mia Couto – debate as questões políticas e culturais relacionadas, não apenas com a ditadura de Salazar e de Marcelo Caetano, mas também com o regime colonial português em Moçambique. Partindo de uma análise das implicações do título, nela se examinam, com particular atenção, não apenas a modelação das personagens mais diretamente afectadas pelo poder instituído, mas também a daquelas mais próximas da instância da escrita. É no retraçar dos contornos desse perfilar que deparamos com uma alegoria do poder reveladora, não apenas da sua extrema crueldade e sua violência, mas também da sua decadência e da sua profunda desorientação. Da figura trágica de Lourenço de Castro emergirá, então, o foco ordenador de toda esta construção ficcional.
Palavras-chave: Ditadura; Colonial; Violência; Racismo; Delírio.

Introdução: "Dar tento ao tempo": o "25 de Abril" e o seu *por vir*...

O título do mais breve dos romances de Mia Couto contém uma importante alusão à história portuguesa contemporânea. O que em *Vinte e Zinco* ressoa é, com efeito, por via da paronomásia, o cardinal da mais celebrada das suas datas: o "25 de Abril" de 1974 – dia da "Revolução dos Cravos". É, de resto, o próprio autor quem o faz notar, na entrevista que concede à revista *Africultures* – então representada na pessoa da tradutora da sua obra em França: Elisabeth Monteiro-Rodrigues:

---

1 É professor doutorado no Departamento de Artes e Humanidades, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, em Portugal, onde leciona, de entre outras, a disciplina de Literaturas Estrangeiras de Língua Portuguesa II.

> Je l'avoue, c'est un livre de commande pour commémorer le vingtième anniversaire de la Révolution des illets le 25 avril 1974. Le 25 avril n'est pas notre fête, pour nous il a un autre sens car après, le colonialisme a continué et la Pide a encore sévi pendant des mois. (MONTEIRO-RODRIGUES, 2003, p. 1)

A função do título é, portanto, sobre o fundo daquela comemorativa evocação, a de marcar uma *diferença*. Em que sentidos?... Por um lado, no de um distanciamento, então considerado necessário. Uma clarificadora desvinculação: "o 25 de Abril não é a nossa festa". Com efeito, a independência da República Popular de Moçambique teve lugar cerca de um ano depois: a 25 de Junho de 1975. Nesse aspeto, pelo título passa, também, o sentido de um certo desfasamento histórico-temporal. Pois, no intervalo de tempo que, imediatamente, se seguiu ao 25 de Abril, "o colonialismo continuou" (2003, p. 1) como nos lembra Mia Couto: "a PIDE reprimiu ainda durante alguns meses" (2003, p. 1). E, de facto, num romance que se organiza, todo ele, à maneira de um diário – com os capítulos sequenciados pela sucessão dos dias... – dois dias decorridos da chegada das primeiras notícias, o inspetor da PIDE, "Lourenço de Castro", continua sem compreender o que se passou. Num dos diálogos que tem com sua mãe Margarida, é por demais notório o seu espanto, quando esta lhe pergunta, depois de ter conhecimento do 25 de Abril, referindo-se aos homens mantidos no cárcere:

> *- Você não quer mandar alguém soltá-los? / - Soltá-los?!! / / - Sim, filho. Soltar os presos... / - sem receber ordens superiores? / / - Mas ordens de quem? A PIDE, lá no continente, já acabou. / / - Não se chama PIDE. É DGS. / - Já acabou tudo, filho. Não entendeu? / - Não acabou aqui, mãe.* (COUTO, 2004, p. 75)

Por outro lado, o título do romance de Mia Couto sublinha, ainda, uma outra espécie de diferença. Desta vez resultante da discriminação racial que o regime colonial sempre mantivera patente. Trata-se de uma diferença que, ligada aos tempos da ditadura, continua a marcar dois estratos distintos da população, mesmo depois do acontecimento do 25 de Abril em Portugal. E, neste caso, será Jessumina quem melhor a exprime, ao dizer-nos, na epígrafe de abertura do romance:

> *Vinte e cinco é para vocês que vivem em bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está para vir.* (COUTO, 2004, p. 9)

O que no título se inscreve é, portanto, a marca de uma alteridade ou de uma clivagem que atravessaria, assim, o sentido daquela data da história portuguesa contemporânea. A sua economia seria, assim, na sua dupla inscrição, não apenas a de uma negação irónica, mas também a de uma certa *différance*. Pois Jessumina chega a dizer ao "pide Lourenço de Castro": "*este vinte e cinco ainda não é nada. Hão-de vir outros vinte e cinco, mais nossos, desses em que só há um antes e um depois*" (COUTO, 2004, p. 88). Tal se diria, de resto, ser também a convicção expressa pelo escritor: "o nosso vinte e cinco ainda está por vir" (MONTEIRO-RODRIGUES, 2003, p. 2). E isso nos parece, ainda, inscrever-se na resposta de Jessumina ao cego de Moebase:

> O cego regressara de casa da adivinha. Consultara Jessumina para saber do 25 de Abril: seria aquele o dia em que recuperaria as visões? / - *Agora é que vou ver? / Não. Você tem que esperar por outro vinte e cinco.* (COUTO, 2004, p. 80)

Note-se que a pergunta de Andaré Tchuvisco se articula em torno de um plural. "Ver" seria aqui, para o cego, "recuperar *as visões*"... O pressuposto aí em jogo é, portanto, o de que, se trataria, para ele, de *mais do que uma visão*. Mas, por outro lado, o que aí se joga é, igualmente, o pressuposto de que toda a história é, também ela, susceptível de condicionar, quer a nossa percepção do mundo, quer o nosso entendimento do tempo. Como diria Alexis Nouss, em "Parole sans voix":

> Dire l'évènement suppose une evenementialité du dire, une adéquation temporelle du dire à l'évènement. Mais une telle événementialité porte en elle le risque intrinsèque d'effacer ou recouvrir l'évènement qu'il s'agit de dire, qui appelle sa diction propre pour demeurer dans son évènementialité spécifique. (NOUSS, 2001, p. 50-51)

O dizer do acontecimento, ao pressupô-lo como um passado sobre o qual necessariamente se articula – na conformidade da "adequação temporal"... – corre também o risco de, retrospetivamente, o recobrir ou apagar, na sua singularidade de acontecimento. Não apenas porque o impacto de um tal acontecimento afectaria já o presente enunciativo do discurso que sobre ele se articula, mas também porque uma certa materialidade posicional o marcaria, ainda, na forma como os seus efeitos se fariam sentir. Assim, para seguir aqui o exemplo mais simples, o 25 de Abril não significa o mesmo, na altura em que ocorre, para colonos e colonizados. E neste sentido, "dizer o acontecimento" é já *interpretá-lo*. É o que nos sugere Jacques Derrida, em "Dire l'évènement – est-ce possible?":

> *Une interprétation fait ce qu'elle dit*, alors qu'elle prétend simplement énoncer, montrer et apprendre; en fait, elle produit, elle est déjà d'une certaine manière performative. De façon naturellement non dite, non avouée, non déclarée, l'on fait passer un dire de l'événement, *un dire qui fait l'évènement* pour un dire l'événement. (DERRIDA, 2001, p. 90, grifos nossos)

Dizer o tempo supõe, assim, que o tempo – enquanto *outro*: visto que o "acontecimento" supõe, sempre, a surpresa do inesperado ou do inantecipável... – *se imponha, de cada vez, ao seu dizer mais próprio*:

> [...] ce dire l'événement est toujours problématique parce que, *en raison de sa structure de dire, le dire vient après l'évènement*. D'autre part, à cause du fait qu'en tant que dire et donc structure de langage, il est voué à une certaine généralité, à une certaine itérabilité, une certaine répétabilité, *il manque toujours la singularité de l'évènement*. (DERRIDA, 2001, p. 89, grifos nossos)

Que tipo de "25 de Abril" nos retraçará, então, o romance de Mia Couto? Será, neste sentido, por mero acaso que é justamente o *cego* a personagem que, no romance, dessa interrogação – quanto à possibilidade da sua recuperação de "as visões" – se encarrega? Andaré Tchuvisco nem sempre fora cego. E mesmo depois de Joaquim de Castro, o pai de Lourenço, o ter cegado – em preventiva punição, por haver ele testemunhado o inconfessável, como veremos... – vários serão os indícios que, sobre ele, nos chegam, de uma outra forma de visão:

> O cego Andaré Tchuvisco: o que ele via eram futuros. Nada em actual presença. [...] Política? Ignorava. Cegos que fossem, seus olhos se guardavam no chão. Tchuvisco dizia: - *Os*

> *vivos têm sombras que se desenham no tempo. / - Vocês não veem essas sombras?* (COUTO, 2004, p. 27)

Essa sua visão das *sombras* – corresponderia ela, de facto, a um certo modo de antecipatória intuição? Mesmo que os outros se "riam, acreditando as palavras de Tchuvisco serem poesia, doença de irrealizar o mundo" (COUTO, 2004, p. 27-28), ela diria respeito ao seu sentido de uma realidade temporal intervalar – periférica... – a que mais ninguém parecia dar atenção:

> O cego não via para crer. Se os visuais enxergavam luzes, como não distinguiam penumbras que se sucedem? Cada ser tem duas margens, uma em cada lado do tempo. – *Os senhores apenas avistam a primeira margem.* (COUTO, 2004, p. 27)

"Não ver-para-crer" é, portanto, ainda uma certa modalidade da visão: a que se subtrai à cega evidência produzida pela intuição consciente. Essa visão outra era só sua, no contacto com a *segunda margem do ser no tempo*. De resto:

> Um cego semelha uma ilha: navegante à espera de viagem, um silêncio frente ao espelho. Indiferente a tudo, Tchuvisco se dava a metafísicas: - Vocês vêem vivos, eu vejo a vida. / [...] - *Sou íntimo do nada. Por isso, chego a arredores onde vocês nunca tocarão.* (COUTO, 2004, p. 30-31)

Assim, por um lado, a personagem do cego funcionará, no romance, como a instância evocadora de uma narrativa que, reportada a outros tempos, nos permite conhecer a história daqueles lugares, contrastando o presente com o passado, ou reencontrando nele as suas motivações. Pois: "a cegueira aditava valor a essa caixa de lembranças do tempo em que podia ver" (COUTO, 2004, p. 35). E isto *na medida em que trazia, consigo, uma outra maneira de ver*. De modo que, quando Andaré Tchuvisco grita, "de longe", ao ex-inspetor da PIDE Lourenço de Castro que, depois de o acusar de mentir, entretanto se afasta...

> - *Mentira* é *eu ser completamente cego. Está ouvir, seu tuga de merda? Porque eu, caraças, ainda vejo sombras. Sombras como você.* (COUTO, 2004, p. 86)

... Apercebemo-nos do juízo que nessa sua fórmula cabe. Lourenço tinha-se tornado, em boa verdade, numa espécie de *espectro*. Uma sombra sem corpo: um ser, em suma, em luto antecipado de si mesmo. Mas não é tudo. No transe em que entra quando, a determinada altura, em grande excitação, lhe parece, confusamente, pressentir a catástrofe de uma arrasadora inundação, Tchuvisco é, ainda, o telúrico presságio de alguma iminente mudança:

> No centro da praça está o cego Andaré Tchuvisco, gesticuloso e barulhador. Grita convocando Moisés e a montanha. Anuncia suas terríveis visões: que o rio está para se desprender do leito, cansado da margem, lá onde ela é pedra amontanhada. [...] / - ***Que você está a ver Tchuvisco? / Não sei. É o rio. Ou, talvez, é o tempo***. (COUTO, 2004, p. 60-61)

E depois de alguma insistência:

> *[...] Eu vejo o rio todo abarrotado de águas, a afundar tudo isto. / - A afundar o quê? / - Tudo isto... / - E isso é mau para nós, os outros?* [- pergunta Jessumina. Mas já...] Não se escuta a resposta de Andaré. Pois as vozes em redor retomam a balburdiação. / - *Está maluco, o cego!* (COUTO, 2004, p. 61)

Ora, o que se manifesta, nesse transe, é da terra que procede. De forma que, quando "o cego começa a chorar" se vem a descobrir que as suas lágrimas estão cheias de terra – lágrimas barrentas:

> Jessumina colhe uma gota sobre o dedo e espreita-a à luz. [...] Um a um os aldeões se fecham no redondo de um "oh". É que a lágrima está carregada de terra, é uma água escura que lhe brota dos olhos. Igual à do rio que ele, em delírio, via estrondear sobre as quietas margens, *a inundação engolindo o universal mundo.* (COUTO, 2004, p. 63, grifos nossos)

Através dele é, portanto, toda a terra daquele "universal mundo" que se desprende dos limites e sedimentos da sua anterior orografia, arrastada por essa diluviana enchente. O que o dispunha a uma sensibilidade particular a tais imimentes mudanças? Provavelmente, a sua convicção de que "o que importa não é passear de noite, mas *deixar a noite passear-se em nós*" (COUTO, 2004, p. 98, grifos nossos). Dir-nos-á a voz narradora do romance:

> Os brancos falam da ideia como coisa solar, que ilumina as mentes. Mas a ideia, todos sabemos, pertence ao mundo do escuro, dessas profundezas de onde nossas vísceras nos conduzem. Fosse ou não, deveria era haver paciência, dar tento ao tempo (COUTO, 2004, p. 62).

Ora, é de Andaré, portanto, esta espécie de presciência: a de que "a ideia" supõe sempre, ao contrário de certo platonismo do pensamento europeu, a obscuridade do mesmo inconsciente a que ela parece opor-se. De resto, também por isso "íntimo do nada", o cego se tornará numa figura épica à maneira de Jessumina, que nos ajudará a iluminá-la. É precisamente aquilo de que nos apercebemos quando Margarida, a alarmada mãe de Lourenço de Castro, a consulta, para saber que moléstias pairam sobre a casa dos Castro:

> - *Veja a minha casa, o tudo em volta. Vê filhos, netos, riquezas?* Era isso que ela pretendia: não deixar nenhuma obra. Aprendera assim. Onde estudara primeiro? Na missão, com as freiras. *Onde aprendera de verdade? Foi na lagoa, na sua ausência deste mundo. Só se aprende nesse desmaio, a súbita perda do sentido.* (COUTO, 2004, p. 50, os últimos grifos são nossos)

Pois Jessumina a si mesma aplicava receitas semelhantes às que destinara ao cego Tchuvisco, para lhe apurar a visão: para ele, era "o líquido em que os abutres apuraram visões. Aquela água apurava visões de quem delas carecia" (COUTO, 2004, p. 23). Quanto a si: "eu lavo os olhos na mesma água onde o gato se banha. *Assim, vejo de noite*" (COUTO, 2004, p. 52). E isso a aproximaria da figura do *escritor*: "sua obra era um nada, um desaparecimento" (COUTO, 2004, p. 50). O que lhe imprimiria uma inflexão algo blanchotiana. Pois como se poderia ler, em "L'absence de livre":

> Écrire c'est produire l'absence de l'oeuvre (le désoeuvrement). Ou encore: écrire, c'est l'absence de l'oeuvre telle qu'elle se produit à travers l'oeuvre et la traversant. *Écrire com-*

> *me désoeuvrement* (au sense actif de ce mot), *c'est le jeu insensé, l'aléa entre raison et déraison.* [...] Le livre, ruse par laquelle l'écriture va vers l'absence du livre. (BLANCHOT, 1969, p. 622-623, grifos nossos)

Posto que a *escrita* não reenvia, neste sentido, a nenhuma espécie de soma – a nenhuma forma de totalidade, a qualquer sorte de fronteira, de limite ou de circunscrição estanque: "a escrita traça, mas não deixa rastos, *não autoriza o regresso*, a partir de qualquer vestígio ou signo, *a outra coisa que não seja a si mesma como (pura) exterioridade*" (BLANCHOT, 1969, p. 625, grifos nossos). Ora, aquele seu "ver de noite" lembra-nos, em Jessumina, este exercício da "pura exterioridade". Posto que nele se inscreve, igualmente: "o jogo insensato" dessa limiar oscilação "entre a razão e a desrazão". Mas Jessumina também nos parece aproximar-se aqui da figura do *tradutor* literáriamente concebido por Mia Couto. Por exemplo, em *O Bebedor de Horizontes* – onde a fórmula de Imani nos ajuda a pensar o seu lugar: "*Porque gesticulas, quando traduzes*? / *Porque quando traduzo eu sou ela.*" (COUTO, 2017, p. 199). Assim, diante de Margarida, eis o que Jessumina nos diz:

> - *Quero saber o que se passa em minha casa. Tenho medo* [diz-lhe Margarida]. / - *Em você, minha senhora, não sei se sou capaz. Estou ficando cega da boca... Você me está a entender?* **(**COUTO, 2004, p. 49)

De Jessumina se dizia, aliás, na aldeia de Moebase, que vivera submersa na lagoa de Nkuluine durante sete anos, onde "o povo do lago lhe ensinava os segredos de um outro saber" (COUTO, 2004, p. 48): e que "quem vivia dentro dessa água *ganhava memória de suas outras vidas*" (COUTO, 2004, p. 49, grifos nossos). Como diria Phillip Rothwell, em *Leituras de Mia Couto: aspectos de um pós-modernismo moçambicano*: "Couto utiliza a água como veículo capaz de restaurar a corrente entre o consciente e o inconsciente do imaginário das personagens" (ROTHWELL, 2015, p. 102). E de facto:

> Esta água representa um desafio à autoridade colonial dada a sua fluidez e a sua origem: o produto vem de terras africanas, constitui uma possibilidade para se observar o inconsciente e, para além disso, pode ainda ser um meio de restaurar a ligação com o mundo dos antepassados coloniais. (ROTHWELL, 2015, p. 115)

Ora, é precisamente com o cego Andaré Tchuvisco – cujo nome, já de si, nos insinua essa relação com a água... – que ela compõe, em *Vinte e Zinco*, aquilo que, para nós, consiste numa espécie de díptico no qual a instância da criação literária metaforicamente se transporá:

> Andaré Tchuvisco é propriedade do mundo da água, como o próprio nome indica. [...] A visão de Tchuvisco é muito importante porque caracteriza o fim de um período particularmente sórdido da história de Moçambique, os dias do colonialismo moribundo, como uma correnteza [de água provinda das cheias do rio] que arrasta esse regime. (ROTHWELL, 2015, p. 115-116)

E se essa relação com um elemento que – tal como Jung o concebe – constitui o símbolo daquela fluidez que todo o *sonho* supõe, entre o consciente e o inconsciente, não deixa de ser significativo verificar que:

> Um aspecto marcante, que diferencia os mundos masculinos dos femininos neste romance, prende-se com a habilidade das mulheres em transcender as fronteiras estabelecidas pelos homens. Elas são fluidas e tornam as delimitações marcadas pelos homens igualmente fluidas. (ROTHWELL, 2015, p. 114)

Ora, é justamente contra este fundo de feminina fluidez que aí se pode apreender, em toda a extensão das suas implicações, o recorte da personagem central do romance: a do inspetor da PIDE Lourenço de Castro, cuja complexidade nos parece merecer uma observação mais cuidada.

Joaquim de Castro - ou "gozo da História"...

Que importância tem ele, em *Vinte e Zinco*, enquanto figura simbólica de um regime que desaba? O que é que, nele, se inscreve, de uma sustentação que, em tudo, nos parece precária, em relação ao sistema de crenças em que se funda a sua visão? Como é que o inspetor da PIDE nos é apresentado? Vejamos:

> A Lourenço de Castro irritava era esse sim e não dos assuntos em África. Esse poder ser e não ser, essa líquida fronteira que separa o possível do impossível. Como se a verdade, nos trópicos, se tornasse em coisa fluida, escorregadiça. O que agastava o português era o ser enganado sem nunca lhe chegarem a mentir. (COUTO, 2004, p. 95)

Essa sua irritada incerteza, acerca dos assuntos de África, dizia respeito, não apenas aos efeitos da educação que tivera – por exemplo: "as mulheres não contam. Assim se dizia em casa dos Castro. Maior parte das vezes até descontavam" (COUTO, 2004, p. 13-14) – mas às circunstâncias biográficas específicas, que nos poderiam ajudar a compreendê-la. Conforme ele próprio confessará, um dia, a Andaré Tchuvisco: "também ele tinha sua deficiência. Não era defeito de visão, mas *falta de outras luzes que nos desvendam para outras vidas*" (COUTO, 2004, p. 94, grifos nossos). Compreendia-se porquê. Para além da pretensa visibilidade empírica do seu outro, é em redor do pressuposto binário de uma epistemologia redutora – e ingenuamente "realista" – que o imaginário colonial se articula, na mais primária das estereotipias. Com efeito, como nos observa Homi K. Bhabha, em "A Questão Outra":

> [...] o discurso colonial constrói o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um "outro", mas um "outro" totalmente cognoscível e visível. Assemelha-se a uma forma de narrativa em que a produtividade e a circulação dos sujeitos e dos signos surgem ligados a uma totalidade refor-mada e reconhecível. (BHABHA, 2005, p. 149)

O seu recurso é, de resto – como nos acrescenta Bhabha, nisso se referindo aos pressupostos do "orientalismo", em Edward Said – "um sistema de representação, um regime de verdade, que, na sua estrutura, é semelhante ao realismo" (BHABHA, 2005, p. 149-150). E, de facto, na esfera das relações de Lourenço de Castro, que outros exemplos se poderiam encontrar – ao menos aos seus olhos... – para além dos dessa espécie de "outro", simultaneamente recusado e inteiramente visível ou conhecível, sobre o qual incidira, todos aqueles anos, o seu poder descricionário? Ora, aquela sua confessada "deficiência" atribuía-a ele à interferente presença do pai, Joaquim de Castro:

> [...] porque Joaquim Castro, seu pai, nunca o tratou com ternura. *Meiguice* era coisa de mulheres. Para ele, aquele filho tinha sido apropriado pela mãe. Não era dele. (COUTO, 2004, p. 94).

Filho de uma relação desequilibrada, disputada e instável, Lourenço ver-se-ia, cedo, colocado em circunstâncias particulares: "- *Os horrores que eu vivi e não perdi a razão*. Referia-se, todos sabiam, à morte de seu pai, Joaquim de Castro" (COUTO, 2004, p. 20). Mas que "horrores", mais concretamente?

> Ele assistira a tudo no helicóptero. O pai estava fardado e mantinha-se de pé, lutando contra o balanço. Seus gritos, ásperos, sobrepunham-se ao ruído do motor. Mandava que os presos, de mãos atadas, se chegassem à porta aberta do aparelho. Depois, com um pontapé ele os fazia despenhar sobre o oceano. (COUTO, 2004, p. 20-21)

A que se ficaria ali a dever, no entanto, a presença de Lourenço?

> *Daquela* vez, o pai decidira que Lourenço o devia acompanhar para ver esse espectáculo. Dizia: experiências daquelas é que endurecem o verdadeiro homem. – *Você vai ver, filho: os cabrões esbracejam no ar como se quisessem ganhar asas.* (COUTO, 2004, p. 21)

Ora, será justamente na vertigem provocada por essa sua monstruosa crueldade que a morte de Joaquim de Castro se precipitará:

> De repente, um emaranhado de pernas se cruzou em redor de Joaquim de Castro. Como tesouras de carne os membros inferiores dos presos enredaram o corpo do português. [...] Cairiam eles, mas o Castro iria junto. O português gritou, pediu ajuda ao filho. Mas este nem se mexeu. Olhos esbugalhados, viu o pai ser ejectado do helicóptero. (COUTO, 2004, p. 21)

Porque é que Lourenço se não mexeu? Decerto por manifesta impossibilidade... Apesar do seu mais que provável ressentimento. Pois:

> Lourenço ansiava comprovar suas habilidades para bravezas. Por isso, ali no helicóptero, se esforçava por não dar parte de frouxo (COUTO, 2004, p. 21).

O que o tolhia era, no entanto, o indisputável facto de que:

> Anichado a um canto do aparelho, Lourenço sofria de enjoo. Mas ele não podia confessar essa fraqueza quase feminina. Passava-se ali prova tão macha e ele esverdeava, na iminência do vómito? *Forte, ser forte que os fracos não gozam a História.* Palavras do velho Castro esconjurando os mimos de Margarida. Mariquices, isso é que dá cabo de um homem. (COUTO, 2004, p. 21, grifos nossos)

Assistiria assim, impotente, à morte do pai – paralisado pelo enjoo, pelo medo e pela vertigem... Talvez mesmo pelo espanto:

> ***Súbito*** lhe pareceu eclodir um pássaro, composto de asas e plumas. Mas nada tombava sobre o mar. Flutuavam penas dispersas como saídas de um buraco de nuvem. *Essas plumas embaladas em hesitante brisa eram a única memória que lhe restara daquele momento.* Para além do barulho das hélices sobre a cabeça. (COUTO, 2004, p. 21-22, grifos nossos)

Tudo se passaria, assim, como se essa morte se tivesse visto suspensa no tempo. Era como se Joaquim de Castro, tivesse continuado a pairar nesse limbo, fantasmaticamente, girando pelos ares, no meio do silenciado alarido dessa explosão de braços e pernas, depois de arrastado da porta do helicóptero, e não tivesse chegado a cair no mar. Só mais tarde, aquando da notícia do "25 de Abril", divulgada na rádio e trazida, depois, pelo "Dr. Peixoto", ele haveria de se confrontar com o irrevogável da sua morte:

> Seus olhos estavam parados, o olhar ausentado deles. Reviu sua vida num ápice: os gritos da cadeia todos se acumularam, como se as celas se fechassem de um só golpe, em sua cabeça. *De repente, um baque: é o corpo de seu pai caindo nas águas.* (COUTO, 2004, p. 69, grifo nosso)

Lourenço tornara-se, no entanto, a partir desse episódio, incapaz de suportar o ruído e a proximidade das ventoinhas, apesar do calor que em África fazia. Mas a memória daquela morte tinha-o feito querer transcender-se, superar-se nas suas limitações: para se "vingar". A sua vida se cumpriria, assim, como que contida nesse mesmo movimento circular que, nas ventoinhas, o deixava desesperado. É precisamente o que intui Jessumina, quando consultada por Margarida, sua mãe:

> - *A senhora sofre por causa desse filho. Mas Lourenço foi seu filho. Já não é.* Jessumina reforçava: Lourenço fora possuído pela sua própria vida. Sem nunca chegar a ser ele próprio. Causa de tudo: o pai. Era preciso despedirem-se do velho Castro. Urgia trancar aquela ausência. Enquanto isso não fosse feito, a família não teria descanso. (COUTO, 2004, p. 50-51)

Diagnóstico que se confirmaria, de resto, nas palavras de sua irreverente tia Irene que, um dia, lhe diria: "*Lourenço, o menino não entendeu uma coisa: você não manda, você só dá ordens. Entendeu*?" (COUTO, 2004, p. 23). Que pensava ela, a respeito da irmã e do sobrinho?

> *Pois eu vos digo: esta casa vai definhar, até nela apodrecer o espírito desse monstro que foi esse teu pai. [...] Haveis de enterrar mil vezes esse falecido. E será sempre enterro falso. Que esta terra nunca, mas nunca o irá aceitar. [...E] – Pensas que tens o poder de matar? Pois [...] só matas aqueles que eles deixam morrer.* (COUTO, 2004, p. 24-25)

Mas é Margarida, quem nos lembra do que, entretanto, sucedera: "*quando teu pai morreu eu pensei que tudo tinha acabado*. [...] *Mas depois tu quiseste-o vingar, seguiste--lhe as pisadas, merda da política*" (COUTO, 2004, p. 70). De facto, a "sua ascensão na polícia se fez rápida, à força de muito serviço mostrar. E de muito mais serviço que não podia mostrar" (COUTO, 2004, p. 22). Como observava Margarida: "ele nem pensava em mais" (COUTO, 2004, p. 22). De forma que:

> De sua vida não se despontava prazer, mulher, diversão. Às vezes, quando o via aparar o bigode com mais cuidado, [nela] uma breve esperança se acendia. Logo frustrada, quando ele se refugiava no solitário escritório. Assim, só e triste, se convocam as temíveis doenças. (COUTO, 2004, p. 22)

E, realmente, embora o seu empenho em seguir as pisadas do pai lhe reservasse, nos cuidados de sua mãe, algum correspondente reconhecimento, a verdade é que Lourenço o parece aceitar, mais do que nisso se reconhecer. É o que nos sugere a forma como é, todos os dias,

recebido pela mãe e como, já em sua casa, se comporta, a "essa hora em que a luz adoece, cansada de tanto dia" (COUTO, 2004, p. 13). À entrada, são evidentes as suas cautelas:

> *Roda* o manípulo da porta com cuidado como se o mundo se pudesse desconjuntar a partir daquele gesto. E logo a voz da mãe, lamparinando o fundo do corredor: – É você, meu filho*?*. Dona Margarida comparece na entrada da velha casa colonial. Cobre as costas do filho com um casaquinho, feito por suas mãos. (COUTO, 2004, p. 13)

E Lourenço acolhe – dir-se-ia – esse gesto de sua mãe com a aquiescência de quem lida com o mais natural e acolhe o inevitável:

> *Lourenço* de Castro encolhe os ombros, a jeito de ela estender o casaco. Outra vez cansado, mais morto que peixe. [...] A mãe, infalível, exerce o amparo que é devido aos guerreiros. Mas este guerreiro, de espáduas circunflexas, não exala glória. (COUTO, 2004, p.14)

A figura de Lourenço recorda-nos, nesse momento, a silhueta de sua mãe: de "costas dobradas, arredondadas como o dorso do corvo" (COUTO, 2004, p. 15). Quando ela se retira, nessa casa sombria: "o corredor recebe-a como se ela pertencesse às trevas" (COUTO, 2004, p. 15). Então "tudo se escoa, silêncio e escuridão" (COUTO, 2004, p. 15). E, de facto, parece haver, nos seus gestos, uma espécie de trágico sentido da possibilidade de um iminente colapso. Essa sua aparente fragilidade ver-se-á, de resto, acentuada pela natureza obsessivo-compulsiva dos cuidados que toma, ao chegar a casa. Em primeiro lugar, com o sangue. Pois parece ter a impressão de que alguma contaminação lhe pudesse chegar, pelo contacto com o sangue dos torturados:

> O inspector arrasta-se para a casa de banho e lava as mãos. A água corre como se não bastasse um rio para o limpar. – *Porque não confessam? Custava alguma coisa...* O sangue vai gotinhando na bacia. Ele estende os braços ainda húmidos. A mãe enxuga-os, com vigor. – *Lavou bem, querido? Agora venha. Já preparei a sua caminha.* (COUTO, 2004, p. 14)

Este "ritual" é – diz-nos o narrador do romance... – "sempre igual". Aquela espécie de pânico o faz buscar reconfirmar, olfativamente, a sua sinistra higiene, antes de se deitar:

> O pide vai à cozinha e volta a passar as mãos por água. Cheira os dedos como se quisesse confirmar a teimosia de alguma nódoa» (COUTO, 2004, p. 14)

> [...] o inspector examina os braços, como se procurasse um desarrumado detalhe. – *Isto aqui não é sangue? / - Não filho, pegue no pano e durma* (COUTO, 2004, p. 15)

Essa percepção sua não parece, contudo, ser absolutamente exacta. E isso mesmo se diria confirmar-se quando, uns capítulos adiante, Margarida lhe recomenda, em outro contexto: "*E vá lavar a mão, Lourenço. Desta vez é sangue, mesmo*" (COUTO, 2004, p. 71). Ou quando sua mãe lhe pergunta, no seu dia de anos, referindo-se aos prisioneiros, se já havia matado alguém:

> - *Nunca.* Mandou matar, explica. Mas matar nunca. Ao contrário do pai, que não encomendava serviço de morte. Ele mesmo se encarregava. Ele, Lourenço, o mais que fez foi bater.

> A palmatória, seu único instrumento. O resto, *mandado de sangue e morte, quem executa é Diamantino. Ou o preto Chico Soco-Soco.* (COUTO, 2004, p. 76, os últimos grifos são nossos)

Apenas os agentes Chico Soco-Soco e Diamantino disso se encarregavam, portanto. De onde lhe viria, então, esse pressentido sangue? Somente num caso exercera ele, pessoalmente, sevícias que implicariam, não apenas o derramamento de sangue, mas também a morte do supliciado. Fora no caso de Marcelino, o subversivo mulato da oficina de Custódio Juma – Marcelino, filho de pai português incógnito. O Marcelino por quem sua tia Irene se tinha apaixonado e a quem chamava "Marcelindo". Aos dois haveria Lourenço de surpreender, "trocando propaganda subversiva" (COUTO, 2004, p. 77):

> Lourenço, ele mesmo, se ofereceu para torturar o mecânico. Bateu, bateu tanto que as mãos do outro se desfizeram, pasta vermelha, fluindo sem contorno. Foi preciso Diamantino separar Lourenço e avisá-lo de que o preso já há muito perdera os sentidos. [...] Na terceira noite, Marcelino se tentou suicidar. (COUTO, 2004, p. 77)

E Marcelino morre, de facto, quando "com um osso que sobrara do jantar ele cortou os testículos. Madrugada, o soalho está ensopado de sangue. [...] Encontraram o mecânico de cócoras, embrulhado na manta vermelha" (COUTO, 2004, p. 77). Mas as razões dessa sua prontidão, para tratar do caso de Marcelino – dessa sua súbita despreocupação com o sangue e com a morte – resumiam-se, em Lourenço, todas numa. Fora, em boa verdade, por ciúme. O que era verdade, ainda que Irene não tivesse, então, escapado, também ela, a um espancamento, para vir, de seguida, a ser trancada em casa. Pois Lourenço, por mais de uma vez, nos aparece, no romance, a fantasiar com a imagem de sua tia.

> *- Quer que o adormeça, meu filho? / - Mãe? / - Estou aqui, meu querido. / - Me fale de tia Irene. Me fale dela por, favor. / Deixe Irene em paz. Ela é sua tia, quantas vezes já lhe disse? / É a minha prenda de anos, mãe. Peço-lhe, peço-lhe tanto. Me fale dela e vai ver que adormeço logo. Me conte quando ela era moça...* (COUTO, 2004, p. 78)

De resto, quando lhe anunciam a sua gravidez, Lourenço não se contém. Entra intempestivamente no quarto de sua tia como se buscasse, ele mesmo, alguma comprovação desse estado. E a cena que se segue é bem reveladora de seus desvelos:

> No leito, a tia dormia semidespida. Lourenço respira a custos. Custava a crer que aquele corpo tenha sido tocado. Por quem? Certamente, um preto. Um cabrão, desses escarumbas. Sentado na berma da cama o pide foi soerguendo a combinação da tia. [...] A mão se apressava para lugares mais íntimos, descia por dentro das roupas de Irene, penetrava os seus mais fundos recantos. (COUTO, 2004, p. 68)

A solidão de Lourenço parece, portanto – mesmo quando isso afligia e contrariava Margarida, ciente do que então aí se jogava – cavada por esse seu irrefreável afecto, na presumível impossibilidade da sua consumação. Mas, de facto, também a esse respeito o seu sentido da realidade se revela notoriamente diminuído. Pois, mesmo quando, parecendo odiá-la, dizia que ela não pertencia à família, era ainda o seu desejo que a punha de parte:

> - *Irene não é nossa família, mãe.* [...] ao mesmo tempo, na penumbra da sala onde o filho se fechava, sobrava sempre o álbum de fotografias da família. Na manhã seguinte, as fotos da tia amanheciam fora do álbum. E a mãe, em silêncio, voltava a guardar as fotografias de sua irmã. *Como se reordenasse o tempo e corrigisse o presente.* (COUTO, 2004, p. 22, o último grifo é nosso)

Não eram, apenas, as suas alucinações de sangue, nos braços e nas mãos... – mas também a forma igualmente compulsiva como pensava em Irene: ambas as coisas o mostravam desfasado da realidade. A doutrinação do Estado Novo, em consonância com o machismo e o confirmado pseudo-heroísmo de seu pai, completariam esse quadro de irrealidade. Conforme observará ao cego Andaré Tchuvisco – em quem há-de vir a descobrir um remotamente esquecido amigo da atribulada infância:

> - *Eu tinha essa grande crença, sabe. Quase eu não precisava de ter pai. Havia Salazar, a pátria, a ordem. / - Esse é o problema das crenças: todas são mortais. Algumas chegam mesmo a ser mortíferas. / - Não creio. Sem crença o que somos?* Andaré tinha suas crenças mas sabia duvidar delas. [...] A cegueira lhe deu nova luz dentro dos sonhos. (COUTO, 2004, p. 98)

As sombras do presente – o pressentimento do caos...

Fixado a essa crença, Lourenço de Castro resistiria, assim, a tudo o que, para si, representasse a possibilidade de um sentido instável do mundo. Sua mãe Margarida o vira, de resto, como mais ninguém: detido à saída da sua primeira infância, suspenso de um ainda inultrapassado desmame. O que, de resto, a amedrontaria, levando-a a consultar a adivinhadora Jessumina. Sobretudo um dia em que Lourenço, depois de acordar de um pesadelo em que sonha escutar batuques – que continua a ouvir, mesmo depois de acordar e de eles cessarem de tocar... – lhe diz sentir o umbigo a crescer-lhe, o cordão umbilical a sair-lhe do corpo:

> Os gritos de Lourenço ecoam no corredor. A mãe acorre, sem pressa. Traz um copo de leite na mão. Já sabe o que se passa quando se debruça sobre o filho. – *Outra vez o pesadelo?* Lourenço nem responde, ocupado em respirar. O suor desenrola-se, um líquido lençol o cobre. / - *Os tambores. Não os ouve? / - Era um batuque, mas já parou ha algum tempo. / - Mas eu continuo a ouvir, mãe.* (COUTO, 2004, p. 16)

Margarida manifesta, então, a sua preocupação, embora Lourenço se recuse a consultar o médico:

> [...] *Você anda agitado, Lourenço. Prometa-me: amanhã vamos ver o doutor Peixoto. / - Eu não estou doente, mãe. / - Mas ele já anda a tratar a tia Irene, não custa nada... / - Já disse que não vou.* (COUTO, 2004, p. 16)

Ora, é precisamente nessa altura que Lourenço de Castro retoma uma das suas obsessões:

> A mãe acaricia os cabelos do filho. A respiração desofega, os olhos estão suspensos no infinito do tecto. / - *A mãe pode espreitar-me? / - Outra vez o umbigo, Lourencinho? / - Está-*

> *-me a crescer, mãe. A sério, desta vez é a sério. Até já estou a sentir o cordão umbilical a sair-me. (*COUTO, 2004, p. 16-17)

Margarida parece, contudo, já conhecer o remédio para tais aflições:

> *- Deixe que eu lhe faço uma massagem e isso já passa.* A mãe senta-se na cama e esconde as mãos por baixo dos lençóis. Seus olhos agasalham muita ternura. / - *Vê,* mãe? Eu não dizia? / - Já vai *passar, filho.* (COUTO, 2004, p. 17)

Cena delirante: reveladora de uma intensa angústia da separação, inscrita na espécie de alucinação que nela tem lugar: a de um "cordão umbilical a sair-lhe" pelo umbigo... O fará Rothwell observar, a seu propósito:

> No seu inconsciente, ele deseja regressar ao útero, chegando mesmo a sonhar que recuperará o cordão umbilical. Quando acorda, esse desejo é tão forte que fica psicoticamente convencido da mudança fisiológica, exclamando: "já estou a sentir o cordão umbilical a sair-me" (ROTHWELL, 2008, p. 114)

De resto, o delírio psicótico e imputação paranóide de tais fenómenos ao feitiço dos "pretos" - em particular, ao cego Andaré Tchuvisco: "isto só pode ser feitiço da pretalhada. É esse cego, mãe" (COUTO, 2004, p. 17) – dir-se-iam, aqui, inteiramente consistentes com o seu "medo do colapso". Por exemplo, como vimos, ao *rodar cuidadosamente o manípulo da porta de entrada*... Eis o que o psiquiatra e psicanalista inglês Douglas W. Winnicott nos dirá, a seu propósito:

> C'est une erreur de considérer la maladie psychotique comme un effondrement, c'est une organisation défensive dirigée contre une angoisse disséquante primitive [...]. Je soutiens que la crainte de l'effondrement est *la crainte d'un effondrement qui a déjà été éprouvé.* C'est la crainte de l'angoisse disséquante qui fut, à l'origine, responsable de l'organisation défensive que le patient affiche comme un syndrome pathologique. (WINNICOTT, 2000, p. 209)

A psicose e o *medo do colapso* implicam-se mutuamente, para Winnicott. E isto justamente na medida em que a primeira indicia – enquanto organização defensiva – a presença do segundo, desencadeado por alguma privação traumática precoce, interruptora do curso normal do desenvolvimento do *Self*, que tem lugar logo desde as suas primeiras semanas de vida: "a falta de adaptação da mãe ao estado mais precoce [do bebé] nada produz a não ser a aniquilação do *Self* na criança" (WINNICOTT, 2006, p. 46). Razão pela qual a etiologia das psicoses nos conduziria, de resto, a um momento bastante anterior ao da génese das psiconeuroses:

> On notera qu'alors que nous avons intérêt à penser que, dans l'aire de la névrose, c'est l'angoisse de la castration qui gît derrière les défenses, ce qui est signalé par le phénomène plus psychotique examiné ici, c'est un effondrement de l'institution du ***Self*** unitaire. (WINNICOTT, 2000, p. 207)

Ou ainda, como também nos observará em *Théorie des troubles psychiatriques en fonction des processus de maturation de la petite enfance*:

> L'étiologie de la schizophrénie nous ramène non vers le complexe d'Oedipe (qui n'a pas été atteint au pas entièrement) mais à la relation duelle, à la relation du nourrison avec la mère avant que le père ou un autre tiers n'entre en scène. (WINNICOTT, 1970, p. 222)

Aliás, a pré-ocorrência daquele "medo do colapso", em Winnicott, remete-nos a um *inconsciente* outro – diferente daquele em que Freud pensou associado ao recalcamento. Diferente, portanto, do inconsciente da psiconeurose. Com efeito:

> L'inconscient ici n'est pas exactement l'inconscient réfoulé de la névrose. Ce n'est pas non plus l'inconscient que Freud décrit en même temps que le rôle du fonctionnement pour ainsi dire neurophysiologique de la psyché. Ni l'inconscient de Jung: [...] Non: dans ce contexte singulier, inconscient veut dire que le moi est incapable d'intégrer quelque chose, de l'enclore. (WINNICOTT, 2000, p. 209-210)

Pois o trauma tem lugar, precisamente, no seu período neonatal – quando "o eu é demasiado imaturo para reunir o conjunto dos fenómenos na área da omnipotência pessoal" (WINNICOTT, 2000, p. 210), o que significa "próximo do início da vida do indivíduo" (WINNICOTT, 2000, p. 211). E aí permanecerá, à espera de poder ser "lembrado": "é um facto que ele [o paciente] traz remotamente escondido no inconsciente" (WINNICOTT, 2000, p. 209):

> Ici, il faut se demander pourquoi le patient continue d'être tourmenté par ce qui appartient au passé. La réponse doit être que *l'épreuve initiale de l'an-goisse disséquante primitive ne peut se mettre au passé* si le moi n'a pu d'abord la recueillir dans l'expérience temporelle de son propre présent, et sous le contrôle omnipotent actuel (qui prend la fonction de soutien du moi auxiliaire de la mère [l'analiste]). (WINNICOTT, 2000, p. 210, grifos nossos)

Essa experiência precede, portanto, o seu próprio sentido do tempo. "Lembrar" um tal acontecimento consistiria então em recriar as condições, na análise, para provocar a sua ocorrência, em situação de "transferência":

> Dans ce cas, la seule façon de se souvenir est que le patient fasse pour la première fois, dans le présent, c'est-à-dire, dans le transfert, l'épreuve de cette chose passée. [...] C'est l'équivalent de la remémoration, et ce dénouement est l'équivalent de la levée du refoulement qui survient dans l'analyse des patients névrosés (analyse freudienne classique). (WINNICOTT, 2000, p. 212)

Ora, de facto, em Lourenço de Castro, não nos seria difícil imaginar os problemas decorridos de uma mãe não-"suficientemente boa" (WINNICOTT, 1975, p. 25), segundo a terminologia de Winnicott. Pois ele não se dispensa, aos quarenta e dois anos de idade, nem do "pano" – sem o qual continuava a não conseguir dormir: "*eu não durmo sem o pano, a mãe já sabe*" (COUTO, 2004, p. 14) – nem mesmo do "cavalinho" de madeira, que a mãe põe "a jeito de Lourenço tocar a sua crina. O pide crispa os dedos na garupa do cavalinho e fá-lo balançar" (COUTO, 2004, p. 14-15). Uma noite acabará mesmo por acordá-la em sobressalto. A mãe "acorreu atabalhoadamente, consoante a angústia dos berros de seu filho: era como se a visão tivesse vindo chocar com o seu espanto" (COUTO, 2004, p. 47):

> Lourenço sentado no chão, chorando como uma criança. A seu lado o cavalinho de madeira jazia, destroçado. / *Veja o que lhe fizeram,* mãe! / E exibia as pernas quebradas do brinquedo. E ele esfregava os dedos na fralda como se a estivesse limpando. / - *Arrancaram-lhe as pernas. Veja o sangue, mãe. Veja o sangue escorrendo. / [...] Não é sangue, meu filho. Deixe isso, que amanhã se arranja.* (COUTO, 2004, p. 47)

O que suporia a persistência tardia – ou a recorrência, num momento da vida pleno de adversidades... – do que Douglas W. Winnicott haveria de chamar, na sua "teoria do espaço potencial", de "objetos transicionais"... Em "Le premier pas vers l'indépendance" – um dos textos reunidos em *L'enfant et sa famille* – encontramos a seguinte precisão:

> Naturellement, ce n'est pas l'objet lui-même qui est transitionnel. Il représente la transition du bébé d'un état de fusion avec la mère à un état de la relation avec la mère en tant que personne extérieure et séparée. (WINNICOTT, 1991, p. 190)

Ora – como se lê, desta vez, em "Qu'entendons-nous par 'enfant normal'?":

> Ce n'est pas l'intelligence qui réparera un blocage dans la maturation de la personnalité. Si l'avènement affectif d'un enfant a été bloqué à un certain moment, cet enfant aura besoin, lorsque les circonstances s'y prèteront, de revenir au comportement qu'il avait étant bébé ou petit enfant. (WINNICOTT, 1991, p. 144)

Não comporia já, pois, a personagem do "pide Lourenço de Castro" – central no romance de Mia Couto, até mesmo pelo seu particular simbolismo, uma certa imagem de um poder repressivo e doente? Não representaria ela a decadência do império colonial português, numa alegoria trágica do seu fim? A forma como se vê, depois de saber dos acontecimentos do 25 de Abril é, a este respeito, bem eloquente:

> Lhe ocorre a lembrança de uma tarde em que o vieram chamar para dar destino a um búfalo que se atolara nos pântanos. [...] O bicho dava pena: sob o til da cornadura, os olhos vermelhos como se a terra já assomasse em seu olhar, parecia se descobrir subitamente mortal. Impotente prisioneiro dessa mentira que é haver chão em toda a terra. (COUTO, 2004, p. 89)

Assim se via Lourenço de Castro, posto que, inibido de sonhar, lhe faltava agora o chão:

> A lembrança daquele búfalo lhe chegava agora como se tudo pesasse e a ave que pousa na curva do horizonte fosse a pique com o mundo. Lhe doía esse simples ensinamento: tudo é terminável, até o futuro. (COUTO, 2004, p. 89-90)

Considerações finais: Uma alegoria trágica do Império...

Para nos situarmos, em relação às implicações simbólicas da personagem do inspetor da PIDE, deveríamos aqui voltar a Winnicott. A sua teoria dos fenómenos transicionais – ou do espaço potencial – supõe a postulação de um papel francamente determinante, atribuído ao meio-ambiente em que o desenvolvimento da criança se dá. As condições para o seu desenvolvimento sadio passam, assim, pela atenta e persistente adaptação da mãe às suas necessidades, ainda durante o período de aleitamento.

> A adaptação da mãe às necessidades do bebé, quando suficientemente boa, dá-lhe a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar (WINNICOTT, 1975, p. 27).

Posto que se parte, então, do princípio de que a primeira actividade mental do bebé é *criativa* – no sentido em que tudo isto se passa antes da possibilidade quer da memória, quer do reconhecimento. É essa correspondência ou sobreposição, entre a experiência omnipotente do controlo mágico sobre o real e a presença do objeto externo, que vem satisfazer as suas necessidades, que desenvolverá nele, gradualmente, a confiança no seu meio ambiente mais tarde necessária à sua exploração, no registo do brincar. O *objecto transicional* é, portanto, neste processo, o primeiro sinal de um reconhecimento (do seio) da mãe como objecto externo ao si mesmo:

> Na relação com o objeto transicional, o bebé passa do controlo omnipotente (mágico) para o controlo pela manipulação (envolvendo o erotismo muscular e o prazer da coordenação). [...] O objeto transicional pode, portanto, representar o seio 'externo' [da mãe], *mas indiretamente*, por ser representante de um seio 'interno'. (WINNICOTT, 1975, p. 23-24).

A função do *objeto transicional* é, junto das crianças que o adotam, a de garantir a serenidade necessária para enfrentar, à hora de adormecer, o medo do escuro ou da sua imersão no sono. Mas a transição de que ele se faz símbolo só se torna possível se o bebé puder contar com "uma mãe suficientemente boa":

> A mãe suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebé) é aquela que efectua a adaptação ativa às necessidades do bebé, *uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste de [...] tolerar os resultados da frustração.* (WINNICOTT, 1975, p. 25, grifos nossos)

O desenvolvimento sadio da criança depende, assim, de variáveis externas que ela não pode controlar. Ora, a experiência desta área *intermédia* – entre a realidade objectiva, tal como é socialmente compartilhada, e os pressupostos subjetivos da nossa forma inicial de a conceber – tem, para Winnicott, uma função antecipativa e modeladora:

> Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebé e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador. (WINNICOTT, 1975, p. 30)

Ora, o que releva da construção da personagem Lourenço de Castro é precisamente uma total ausência dessa dimensão lúdica que diz, aqui, respeito à experimentação intensa, ao viver imaginativo, ao trabalho criador... Nisso contrastaria ele com sua irreverente tia Irene. Pois:

> Irene, [...] é dessas mulheres bravias, *vivas de nascença.* Ela tem corpo e rosto, tudo em estado desejável. [...] Assim, bela e feliz, Irene escapava à cinzentura daquela casa, vergada sob silêncios e suspiros. Em tudo que fazia, Irene se acendia em fogo de dentro. [...] A moça usufruía do lugar, sem fronteira de medo. (COUTO, 2004, p. 19-20, grifos nossos)

O quadro ango-depressivo em que o perfil de Lourenço de Castro nos é traçado é já anunciado pelo cansaço de que ele mesmo se queixa, logo no início do romance: "outra vez cansado, mais morto que peixe. Ninguém avalia o custo de ser inspector da PIDE, em pleno mato africano, lá onde o pé de branco nunca assentou" (COUTO, 2004, p. 13). De sua tia Irene era, pois, bem o contrário que se poderia dizer:

> Irene chegara a Pebane sem modos de ocupadora, ela em si requerendo apenas o espreitar respeitoso de quem não quer posse sem domínio. Se comportava como era: estrangeira, vivendo em território colonial. (COUTO, 2004, p. 35)

> [... E] *Enquanto amava ela se enriquecia de outras vidas.* (COUTO, 2004, p. 57, grifos nossos)

Lourenço: "não pedia muito. Queria ter um filho. Era isso que mais queria: ser um pai extremoso" (COUTO, 2004, p. 94). Para compensar o pai que não tivera. E com isso se justifica, diante de Tchuvisco: "é por isso que me deu tanta raiva saber que Irene estava grávida. *Era eu que queria ter um filho*" (COUTO, 2004, p. 94, grifos nossos). E quando Andaré lhe conta, como se tornara cego, é então que todo o seu mundo desaba. O que se passara? Tchuvisco era pintor, ao serviço de Joaquim de Castro, em Pebane:

> O seu serviço era pintar as salas de tortura. Era essa a tara de Joaquim de Castro. Sangue era coisa para ser lavada, no imeditao chão. Mas o pavimento estava preparado de vermelho, encerado das cores do sangue. Nas paredes, no tecto, isso é que não. Assim, todas as tardes ele passava a inspecionar a branquidão das paredes interiores da prisão. (COUTO, 2004, p. 84)

A obsessão do sangue em Lourenço parece, aqui, resultar de alguma forma de introjeção, de uma relação de especularidade, ou de uma identificação com seu pai. Ora, numa dessas incursões diárias de vistoria à cadeia, Andaré surpreendera Joaquim de Castro, em "abusos, ofensas sexuais" aos presos:

> O inspector Joaquim de Castro se roçava, lascivo, pelos presos. Depois de bem batidos, ele os chamava e lhes acariciava as pernas, as costas, as nádegas. Depois consumava amores forçados com os prisioneiros. (COUTO, 2004, p. 84)

Ora, o que angustiava seu pai "não era o medo de cometer abusos [...]. Todos os pides o praticavam. Era descobrir-se que ele trocava sexo com homens" (COUTO, 2004, p. 84). Por isso se decidira a provocar-lhe aquela cegueira:

> Tinha sido assim: Joaquim de Castro lhe esfregava os olhos com seiva da árvore do mukuni. Uma, duas, muitas vezes. Os olhos começaram a clarear, até ficarem da mesma cor dos de Irene: azuis, da descoloração celeste. (COUTO, 2004, p. 94)

Alegoria trágica da queda de um império já preso por arames... No final do romance, os prisioneiros evadem-se e Lourenço de Castro aparece morto. Quem o matara? Talvez Irene, se "cada qual mata o da sua raça" (COUTO, 2004, p. 101). E se, seguindo o exemplo de Jessumina, ela não tivesse resolvido desaparecer, submersa nas águas do lago... Quem mais teria razões para isso? Mas como decidir aqui acerca dessa pertença a

tal "raça"? Pois não poderia, também, ter sido de Jessumina, "o aroma de mulher" que o cego ali reconhece? Que importaria, afinal?

Referências

BHABHA, H. K. A Questão Outra. In: SANCHES, M. R. (Org.). *Deslocalizar a Europa: Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005, p. 143-166.

BLANCHOT, M. «L'absence de livre». In: _____. *L'entretien infinit*. Paris: Gallimard, 1969, p. 620-636.

COUTO, M. *As Areias do Imperador – III: O Bebedor de Horizontes*. Lisboa: Caminho, 2017.

_____. *Vinte e Zinco*. Lisboa: Caminho, 2004.

DERRIDA, J. «Dire l'événement – est-ce possible?». In: *Séminaire de Montréal, pour Jacques Derrida*. Paris: L'Harmattan, 2001, p. 79-112.

_____. *Schibboleth:* pour Paul Celan. Paris: Galilée, 1986.

MONTEIRO-RODRIGUES, Elisabeth. «Une vision circulaire - Elisabeth Monteiro-Rodrigues et Mia Couto». *Africultures* n. 57, 2003.

NOUSS, Alexis. «Parole sans voix». In: *Séminaire de Montréal, pour Jacques Derrida*. Paris: L'Harmattan, 2001, p. 41-78.

ROTHWELL, P. *Leituras de Mia Couto:* aspectos de um pós-modernismo moçambicano. Lisboa: Almedina, 2015.

WALLBRIDGE, D. *Winnicott:* introduction à son oeuvre. Paris: PUF, 2016.

WINNICOT, D. W. «La crainte de l'effondrement». In: GRIBINSKI, M. (Org.). *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard, 2000, p. 205-216.

_____. «La préocupation maternelle primaire». In_____. *La mère suffisamment bonne*. Paris: Payot-Rivages, 2006, p. 33-50.

_____. «Objetos transicionais e fenômenos transicionais». In: _____. *O Brincar & a Realidade.* Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 10-47.

_____. «Qu'entendons-nous par 'enfant normal'?» ; «Le premier pas vers l'indépendance». In: _____. *L'enfant et sa famille*. Paris: Payot, 1991, p. 143-152 ; 189-201.

_____. «Théorie des troubles psychiatriques en fonction des processus de maturation de la petite enfance». In: _____. *Processus de Maturation chez l'enfant*. Paris: Payot, 1970, p. 217-232.

Recebido em: 29/11/2018; Aceito em: 21/12/2018